

*Doutora em Literatura Brasileira pela UFSC, professora da graduação da UNIVALI, coordenadora do ContArte - contadores de histórias da UNIVALI. Desenvolve pesquisas na área da Literatura Infantil e da Literatura em meio eletrônico. Autora de *Mulheres Rosianas*, organizou, juntamente com Alckmar Luiz dos Santos, a coleção *Informática e Literatura: Caminhos Cruzados* (5 volumes).

Correspondência:
Address:
Rua Victor Breneisen,
47. Centro - Barra
Velha - SC. CEP
88390-000
E-mail:
neitzel@univali.br

CIBERLITERATURA: arte ou armazém?

CYBERLITERATURE:
art or storehouse?

Adair de Aguiar Neitzel*

Resumo

Esta pesquisa foi desenvolvida no curso de Pedagogia da Universidade do Vale de Itajaí, SC, sétimo período, no primeiro semestre de 2006, Campus Piçarras, com o objetivo de investigar como as acadêmicas interagem com o computador e com seus pares ao analisarem sites literários disponíveis na Internet. Ela motivou discussões acerca de como a Internet pode auxiliar o docente no tratamento da literatura em sala de aula como objeto estético e frutivo. Partiu-se do princípio que a poesia visual e o hipertexto literário podem colaborar no processo de entendimento da literatura como arte, isto é, como um objeto que necessita de apreciação estética. Algumas questões sobre o destino da leitura na era da WWW são trazidas à baila e acerca das três dimensões do espaço textual: o sujeito da escrita, o destinatário e os textos exteriores.

Abstract

This study was carried out during the first semester of 2006, in the seventh period of the Pedagogy Program at the University of Vale do Itajaí, Piçarras Campus, SC. Its objective was to investigate the way in which students interact with the computer and with their colleagues, when analyzing literary sites available on the Internet. It prompted discussion on ways in which the Internet can assist teachers dealing with literature in the classroom, as an esthetic and pleasing object. It starts from the basic premise that visual poetry and literary hypertext can assist in the process of understanding literature as art, i.e. as an object which requires esthetic appreciation. It raises some issues relating to the fate of reading in today's Internet era, and to the three dimensions of the textual space: the subject of the text, the addressee, and the extra-textual dimensions.

Artigo recebido em:
30/04/2006
Aprovado em:
04/07/2006

Palavras-chave

Internet; Hipertexto literário; Formação de professores.

Keywords

Internet; Literary hypertext; Teacher training.

Introdução: hipertexto — que texto é esse?

O processo de leitura e escrita de poesias visuais e de hipertextos literários toma fôlego no século XXI com a expansão da informática. Para alguns estudiosos, como Snyder (1997), Landow (1993), Barbosa (1996), Bernard (1999) e Balpe (1999), esta escrita num suporte novo exige uma nova postura de leitura, uma concepção que reafirma a idéia do hipertexto como uma informação que só se concretiza com a operação mediadora da máquina, uma posição a favor da corrente que pensa o hipertexto eletrônico como uma absoluta novidade.

Com relação às concepções que envolvem as três dimensões do espaço textual, o sujeito da escrita, o destinatário e os textos exteriores, esses teóricos acreditam que no circuito eletrônico eles surgem radicalmente alterados, anunciando, assim, o nascimento de um gênero literário novo. Uma posição que reforça que estamos nos debruçando sobre uma nova noção de criação, cujo instrumento operacional é o computador. Enfatizando as diferenças entre a criação literária em meio eletrônico e aquela em meio impresso, Barbosa (1996, p. 20) salienta que a difusão da literatura gerada em computador “parece indicar uma verdadeira nova tendência literária: não o fim do livro, mas seguramente uma outra maneira de ler, uma nova maneira de escrever e de intervir sobre a palavra”.

Numa exposição sucinta, ele procura formular os alicerces dessa nova modalidade de criação artística e literária classificando essa produção

como Literatura Gerada por Computador (LGC). Ela abrange duas grandes vertentes: de um lado, a InfoArte e a InfoLiteratura (literatura clássica disponibilizada em meio eletrônico); de outro, a ciberliteratura (uma nova forma de produção literária). Esta, por sua vez, compreende, três gêneros: o hipertexto, os geradores automáticos e o texto animado.

Entretanto, o hipertexto eletrônico (entendido aqui como aparato textual) oferece um outro espaço de escrita e não uma nova escrita; “o meio não é condição suficiente para se falar de uma nova poesia. Isso só é possível pela exploração das potencialidades criativas proporcionadas por esse meio. [...] A mera divulgação de poemas em ambiente eletrônico, sendo condição necessária, não é de modo algum suficiente para uma genuína renovação literária” (REIS, 1998 – on-line). Esta é uma posição de continuidade e não de ruptura em relação às formas de escrita impressas e não põe em causa a literatura; pelo contrário, reclama “pertencer-lhe e inspirar-se nela, nomeadamente na tradição de experimentalismo literário e particularmente na poesia visual” (REIS, 1998 – on-line).

Parto da hipótese que a trilogia autor/ texto/ leitor há muito vem sofrendo modificações em sua concepção e o circuito literário atual não é alterado nos componentes autor/texto, texto/leitor, autor/leitor, nem na própria noção de texto, apenas por ser inserido num novo aparato textual. Diante da tela do computador, acredito que nossa bagagem de leitores do hipertexto impresso (e não necessariamente de todo e qualquer escrito) pode facilitar nossa ação de navegação diante do écran, contestando, assim, a afirmação de Bernard (1995, p. 323) que nossas atitudes de leitores de livros impressos só vêm a incomodar a leitura eletrônica a ponto de que “nous ne savons, en réalité, pas plus écrire de véritables hypertextes que nous ne savons les lire”, mesmo considerando que “le procédé hypertextuel n’ est pas issu du néant. Il n’ est que le perfectionnement de techniques déjà mises au point pour le papier”.

Entendo que a forma de leitura que o hipertexto em meio eletrônico exige — não-linear, fragmentada, interativa — há muito vem sendo praticada, a ponto de a experiência de leitores em hipertextos impressos, tais como *O jogo da amarelinha* de Julio Cortázar e *Se um viajante numa noite de inverno* de Ítalo Calvino, nos permitirem tratar o hipertexto eletrônico apenas como mais uma forma de expandir as potencialidades da escrita.

A forma de composição material do hipertexto eletrônico apresenta um universo vasto de possibilidades de leitura e escrita, um tipo ideal de

liberdade que há muito vem se tentando obter não só com o texto impresso, mas com as artes em geral. Por exemplo, o período de produção barroca buscou construir o objeto artístico de forma que as massas plásticas barrocas nunca permitissem que o fruidor obtivesse uma visão privilegiada, frontal, definida, mas buscasse o movimento, levando-o “a deslocar-se continuamente para ver a obra sob aspectos sempre novos, como se ela estivesse em contínua mutação” (ECO, 1986, p. 44).

Na pintura, os impressionistas realizaram pesquisas quanto à percepção óptica, na tentativa de dividir com o observador a responsabilidade da criação. As técnicas do pontilhismo e do divisionismo, que têm em Seurat o principal adepto, oferecem, através das manchas coloridas, a possibilidade de o observador unir os fragmentos visualmente e, no conjunto, elas dão ao observador a percepção da cena: “É o observador que, ao admirar a pintura, combina as várias cores, obtendo o resultado final. A mistura deixa, portanto, de ser técnica para ser óptica” (PROENÇA, 1999, p. 140).

Na literatura, vêm-se há muito tempo testando as possibilidades de dinamicidade da folha plana na tentativa de torná-la uma escrita multidimensional formada por uma pluralidade de percursos narrativos labirínticos. Na literatura francesa, entre 1470 e 1520, encontramos textos que oferecem também possibilidades de leituras múltiplas, entre eles as *Litanies de la Vierge*, de Jean Meschinot, *Un rondeau à lecture multiple*, de Jean Molinet, e os acrósticos cruzados ou múltiplos, palíndromos de Destrées. Essas experiências precursoras da escritura eletrônica já buscavam extrapolar a função referencial da linguagem, transformando a escrita numa atividade muito mais ampla do que a simples transmissão de mensagens.

Mergulhando na galáxia das acrobacias poéticas encontramos outras experiências combinatórias de letras, palavras e frases mais recentes como as de Raymond Queneau, *Cent mille milliards de poèmes* e *Un conte à votre façon*, as de Hubert Lucot, como *Le grand Graphe* ou as invenções de Georges Pérec, são escritores que exploram o lado lúdico das palavras e permitem ao leitor efetuar o percurso combinatório que desejar. Enveredando-nos pelo mundo da hiperficção nos vemos enredados em obras como os contos de Borges, o *Dom Quixote* de Cervantes, *O dicionário Kazar*, de Milorad Pávich, *As cidades invisíveis* de Italo Calvino, *O incêndio de Londres* de Jacques Roubaud, e tantas outras tentativas de subversão do espaço da folha plana, da exploração da veia dinâmica da escrita, do tratamento do texto como um objeto que se compõe também pelas mãos do leitor.

Essas possibilidades de interatividade entre obra e fruidor podem alterar a recepção do objeto literário? Segundo Barbosa (1998, on-line), “a introdução da interatividade no momento da recepção do texto em processo pode conduzir a uma intervenção simbiótica nas funções tradicionais do autor e do leitor mediante uma maior ou menor participação deste último no resultado textual final: entra-se num processo de escrita-pela-leitura ou de leitura-pela-escrita que já tem sido denominado de ‘escrileitura’, o que implica um novo papel para o utente/leitor – ‘escrileitor’, ‘wreader’ ou ‘lauteur’ .” A noção de *escrileitura* entrevê um leitor mais autônomo. Resta-nos investigar se a recepção de hipertextos literários digitais exige uma atitude do leitor diferenciada daquela de hipertextos impressos.

Com base nessas considerações, pode-se perceber a pertinência desta pesquisa. Por isso, passei a investigar junto às acadêmicas de Pedagogia da UNIVALI, Campus Piçarras, como elas interagem com o computador, especificamente ao manusearem sites literários disponíveis na Internet, para discutir possibilidades do seu uso em sala de aula, com vistas à construção de uma concepção de literatura como objeto estético e frutivo. A pesquisa foi desenvolvida durante três encontros de 3 h e 30 min cada, sendo que a avaliação foi feita no terceiro encontro.

Os procedimentos metodológicos empregados foram: pesquisa de sites literários na Internet com conteúdo próprio para a Ed. Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental, análise dos sites pelas acadêmicas, observação sistemática de como as acadêmicas interagem com o computador, questionário aplicado aos sujeitos de pesquisa e avaliação oral das atividades pelas acadêmicas. Os registros foram feitos mediante diário de campo e sua análise de conteúdo seguiu a metodologia de Franco (1997).

Desenvolvimento: o destino da leitura na era da www

Falando do destino da leitura na era da web, Manguel (2000, p. 100) aponta um dos grandes problemas de nossa sociedade atual: o desinteresse das pessoas pelos livros. Para ele, a Internet não opera nem operará um

alargamento da classe de leitores porque “não somos uma sociedade letrada. O ato de ler, outrora considerado útil e prestigioso, agora é aceito com condescendência como o passatempo lento que não tem eficiência e não contribui para o bem comum”. Esse tratamento do livro como passatempo seria o responsável pela ineficiência da web, proposição que antecipa a visão do autor em relação ao universo digital. Além de apontar com ênfase as falhas da Internet, ele discute o tratamento que a indústria cultural conseguiu atribuir ao livro: um objeto mercadológico e não apenas cultural.

Posicionando-se, assim, Manguel não leva em conta que se o livro fizer parte do cotidiano das pessoas como passatempo, ele passa a integrar suas vidas, podendo ocupar um espaço de destaque. Seu cultivo cioso é o primeiro estágio para a conquista de leitores; da imagem do livro como atração pode-se alcançar a imagem do livro pensador. O que é um passatempo senão um momento de lazer e, portanto, de prazer? Por que a leitura que apraz deverá ser considerada desprestigiada? A fruição da leitura faz parte do jogo literário, que abre “a possibilidade de uma dialética do desejo, de uma *imprevisão* do desfrute: que os dados não estejam lançados, que haja jogo. [...] A escritura é isto: a ciência das fruições da linguagem, seu *kama-sutra*” (BARTHES, 1995, p. 9-11).

Eco (1986) e Barthes (1995), na década de 70, trazem à baila questões sobre a recepção literária e a finalidade do objeto literário, direcionando os holofotes da crítica para o leitor. Ao focar os aspectos da escrita plural, anunciam que o texto ideal é aquele organizado de forma não definida e não acabada, que constitui um espaço de trocas entre leitor e autor, que oferece autonomia ao leitor não só de interpretação, mas também de intervenção na sua forma de composição. Tanto Barthes quanto Eco enfatizam que cada leitura, contemplação, gozo de uma obra de arte representa uma forma, ainda que calada e particular, de execução, o que nos possibilita pensar o leitor numa postura multivalente e de co-autoria, a idéia da escrita como um processo de *escrileitura*, uma escrita-pela-leitura.

Para Manguel, apesar de o livro ser um objeto que se banalizou, encontrado nas mãos daquele que espera um avião ou descansa no banco de uma praça, continuamos a ser uma sociedade iletrada porque o livro vulgarizou-se ao tornar-se um passatempo. Querer atribuir à leitura apenas a função utilitária é tratar o livro como objeto sagrado, como outrora fizeram as instituições religiosas. Se a sua aura, na era da reprodutibilidade técnica,

se atrofia, quando o retiramos de seu invólucro permitimos sua emancipação do ritual de que vinha fazendo parte. Evidentemente, a partir do “momento em que o critério da autenticidade deixa de aplicar-se à produção artística, toda a função social da arte se transforma. Em vez de fundar-se no ritual, ela passa a fundar-se em outra práxis: a política” (MANGUEL, 2000, p. 101-102).

Se hoje o jornal, a televisão, a Internet, a imprensa colocam os bens culturais à disposição da maioria, é porque o ato de ler, antigamente dirigido a um público restrito, passou de “depósito supérfluo (que) guarda apenas o passado” (MANGUEL, 2000, p. 102), a objeto de consumo e discussão. Sua reprodução derrubou as barricadas que reduziam seu espaço de circulação, e não nos cabe uma recusa a sua popularização, pois “o universo das comunicações de massa é — reconhecamo-lo ou não — o nosso universo; e se quisermos falar de valores, as condições objetivas das comunicações são aquelas fornecidas pela existência dos jornais, do rádio, da televisão, da música reproduzida e reproduzível, das novas formas de comunicação visual e auditiva” (ECO, 1993, p.11).

Um dos aspectos negativos da Internet, segundo Eco (2000, p. 11-15), é a abundância de informação. Trata-se de um espaço para publicações canônicas, mas também para publicações alternativas, periféricas, uma produção intelectual independente de filiações a escolas ou gêneros e fica difícil separar e filtrar o que é útil e interessante do lixo cultural. Por outro lado, existe na Internet uma dinâmica de contatos culturais, de trocas, que oferece uma atividade interdisciplinar, por meio de cruzamentos intelectuais e institucionais que produzam efeitos diversos e expandem diariamente os bancos de dados em conexão, traçando caminhos transversais que dão acesso a áreas quase irrestritas do conhecimento, em qualquer parte do mundo, numa velocidade nunca antes conseguida por nenhum meio de comunicação.

De *site* em *site* descobrimos que a Internet é uma rede potencialmente infinita de informações, pois cada link oferece uma experiência rica (e às vezes exaustiva) no campo virtual da informação. Calvino (1981, p. 317) afirma que « l'aide de l'ordinateur, loin d'intervenir en *substitution* à l'acte créateur de l'artiste, permet au contraire de libérer celui-ci des servitudes d'une recherche combinatoire, lui donnant ainsi les meilleurs possibilités de se concentrer sur ce 'clinamen' qui, seul, peut faire du texte une véritable oeuvre d'art”.

Ao promover o contato das acadêmicas com os sites literários, pude observar como elas “concretizavam a obra literária”, percebendo diferenças entre o manuseio de um texto impresso e o eletrônico. Sua participação frente ao texto digital deu-se de forma bastante concentrada, curiosa, investigativa e cada sujeito operou uma caminhada diferente. A fragmentação do texto levou-as a diversas trilhas e estas as mantiveram em estado de busca constante, de leitura e apreciação, principalmente, das poesias visuais. Acredito que essas diferenças se acentuaram, principalmente, porque elas não são leitoras de obras hipertextuais impressas, habituadas à leitura linear, logo, elas perceberam que diante do material digital possuíam maior flexibilidade de co-autoria, maior responsabilidade na composição da obra.

O site de Sérgio Capparelli, disponível na <http://www.capparelli.com.br>, foi considerado um dos mais interativos e propícios para a formação estética e literária das crianças com as quais elas trabalham, principalmente por trazer um bom número de poesias visuais. Esse material literário é uma produção que necessita do computador para se realizar, pois ao ser impressa perde o leitor as vantagens do hipertexto eletrônico interativo: se apresenta na tela com movimento em 3D, cor, luz, som e exige do leitor uma apreciação atenta, sendo um bom exemplo de como utilizar o computador como ferramenta na criação literária.

Há uma superposição de textos, que se pode ler em várias direções, formado por um composto de blocos fragmentados e conectados, pontos multiplicados que se inter-relacionam em determinados pontos, formando uma espécie de rede através da qual passa todo o texto. Ele apresenta uma estrutura não-linear, formada por sentidos associados que oferecem diversas entradas e saídas no site. O potencial de intercomunicação, de conexão, das páginas com outros pontos da obra pode ser alcançado de forma virtual, mental, pelo leitor, e também de forma física, num saltar e clicar do mouse nos links eletrônicos. Esse processo de interconectividade compõe uma visão atomizada da literatura, uma literatura enquanto processo que se constrói mediante as intervenções do leitor. Para que esses blocos de textos formem uma unidade de sentido, é necessário do leitor uma postura multivalente e de co-autoria, a idéia da escrita como um processo de *escileitura*, uma escrita-pela-leitura ou uma leitura-pela-escrita¹.

Submetido pois à desmontagem, o leitor pode efetuar uma leitura politópica, aquela que possibilita a leitura de vários temas

concomitantemente. O ponto de entrada no site traz opções que podem ser seguidas de forma aleatória, oferecendo a sensação de instantaneidade na passagem de um link para o outro, levando à exploração do caráter não-linear do texto, no sentido atribuído por Aarseth, na tentativa de construir um trajeto de leitura único. Aarseth (1993, p. 51) define o “texto não-linear como um objeto de comunicação verbal que não é apenas uma sequência fixa de letras e palavras, mas no qual a ordem de leitura pode diferir de um leitor para outro”. O link é um recurso que pode instituir uma estratégia de descentramento, podendo ser um exercício de fruição descontínua. Ao perseguir alguns links internos, de forma sucessiva, os sujeitos pesquisados demonstraram um certo desconforto pelas digressões ou avanços no tempo.

Com relação à natureza da interação que se estabeleceu entre as acadêmicas e o computador, o grupo era composto de 20 acadêmicas e destas apenas 04 se mostraram com muita dificuldade para desenvolver a atividade. Na maioria dos casos, se mantiveram bastante curiosas, sem dispersão da atenção, e com autonomia navegaram nos sites e os exploraram exaustivamente. No decorrer de quatro aulas de 50 minutos, pude observar que o envolvimento entre as acadêmicas ocorreu basicamente de duas formas: estabeleceu-se relações tutoriais entre quem tinha mais facilidade e as que apresentavam mais dificuldade e entre os pares que não apresentavam dificuldades de manuseio do computador, percebeu-se o estabelecimento de uma aprendizagem cooperativa, que promoveu um crescimento mútuo do grupo por meio de discussão e planejamento conjuntos, favorecendo o intercâmbio de papéis e a divisão do trabalho entre os membros (COLL; COLOMINA, 1996). Durante a primeira etapa do processo, apenas uma única vez o professor foi chamado para a resolução de problemas.

A novidade alimentou a surpresa e o interesse diante do texto. Risos, exclamações e a construção de frases que demonstravam a formulação de conjecturas, juízos e predições foram o sintoma de que a Internet pode ser uma alternativa para intensificar a leitura em sala de aula, assim como promover a substituição de situações competitivas por cooperativas. A análise dos questionários aplicados aos sujeitos de pesquisa, assim como a avaliação oral sobre a atividade, indicaram que as acadêmicas desconheciam esse material disponível na WWW, que consideraram a atividade de leitura na tela do computador como uma atividade que pode complementar a formação estética de seus alunos e que a Internet é mais uma ferramenta pedagógica que, junto com o livro, vem colaborar

par a formação de leitores. Todas fizeram referência à qualidade do material e aos recursos tecnológicos que os sites exploraram como fatores decisivos para o envolvimento do grupo.

Considerações finais: formação estética e construção de subjetividades

O mouse e o teclado substituíram o lápis, a tela a folha plana do livro, os caracteres móveis que se compõem e decompõem facilmente pelos impressos imóveis. E o leitor? Como ele se comporta diante do hipertexto em meio eletrônico, esse composto de bits que instantaneamente abre múltiplas janelas encaminhando-o para um zapeamento frenético? Calvino (1990), no artigo *La galerie de nos ancêtres*, refletindo sobre algumas narrativas hipertextuais que criou, questiona qual o sentido desse tipo de narração no quadro da literatura hoje. Pensando, justamente, na estética contemporânea da obra de arte teorizada por Eco, poderíamos dizer que a literatura hipertextual, principalmente, com o advento da escrita eletrônica, indica que nossa modernidade literária está calcada na hipertextualidade, e que esta, hoje, mais do que nunca, se compõe sob um estruturalismo aberto onde lemos vários textos em função de um outro, onde uma nova idéia se integra num corpo de idéias já delineadas.

O leitor, acostumado com as narrativas hipertextuais impressas, habituado com práticas de escrita literária fragmentadas, escritos que lhe exigem ir ao encontro de sua condição plural, de sua estrutura *mise en abyme*², considera o hipertexto eletrônico uma continuidade do processo já iniciado pela escrita impressa. Não há normalidades estilhaçadas, pois as convenções e os hábitos de leituras hipertextuais já são um território bastante explorado pela cultura impressa. No entanto, o leitor que pouco contato tem com a literatura hipertextual, ao se ver frente à ciberliteratura, normalmente atribui a ela qualidades que enfatizam sua estrutura interativa e a participação do leitor, além de demonstrar um certo desconforto perante o texto não-linear.

Para Bongiovanni (1999, p. 155) esse desconforto é gerado porque “tout notre système de pensée est fondé sur des valeurs de domination, de

puissance et de contrôle. La culture des réseaux, le partage de l'intelligence, le travail coopératif mobilisent d'autres valeurs, d'autres visions, plus complexes, moins triviales, plus engagées dans une certaine idée du destin communautaire". Por ser uma rede de informações, onde um site mantém-se conectado a outro, onde, portanto, um texto é concebido como *network*, a Internet oferece um tipo de democratização que "not only reduces the hierarchical separation between the so-called main text and the annotation, which now exist as independent texts, reading units, or lexias, but it also blurs the boundaries of individual texts" (LANDOW, 1993, p. 23). As lexias que compõem o texto digital promoveriam também a democratização do saber, uma vez que "hypertext does not permit a tyrannical, univocal voice" (Idem, p. 11).

Gostaria de enfatizar que a escrita se caracteriza como um sistema de correlações não só de textos que subjazem o texto, mas como resultado de correlações com motivações (textualidades) externas e internas. Existe, portanto, uma vinculação intrínseca e natural entre o significante e a realidade (contexto), que se torna uma motivação externa ao significado. Esse laço de motivação externa é importante no estabelecimento de uma identidade, principalmente, no campo poético, porque a relação entre as palavras e as coisas brota, também, de sensações que extrapolam o campo conceitual dos signos lingüísticos.

As motivações na composição do significado na textualidade literária, entendidas, também, como o aspecto não verbal do texto, são enfatizadas na ciberliteratura porque nesta o plano da sonoridade e o da visualidade fazem parte da fisicalidade dos significantes:

The visual appearance of the text assumes a new status in hypertext systems. By integrating the currently separate worlds of pictures and words, hypertext exposes our western cultural bias towards information which can be measured by pages and paragraphs comprised of words. Writers have internalized the belief that verbal information is more valuable than non-verbal information, and that nonverbal elements are the business of publishers, designers and printers, not of writers. Much more than word processing, however, hypertext demands that writers pay careful attention to the non-verbal (SNYDER, 1997).

Dessa forma, com a ciberliteratura o leitor encontra-se integrado a uma poética que o convida a olhar o mundo sob uma outra ótica, uma lógica que opera com a imagem do conhecimento como algo constituído de uma multiplicidade de contribuições capaz de transmutar e de acolher

a abundância. A construção da literatura com elementos atados à invenção e à imaginação é usada em muitas épocas para aumentar os pontos porosos e de perfuração que leva à uma produção de subjetividades, entre outras razões. A construção calcada na subjetividade nos encaminha para repensar a natureza da imagem virtual, com ou sem sustentação maquínica, tendo como suporte a memória visual e mental ou um chip. Nos dois casos “o virtual só eclode com a entrada da subjetividade humana no circuito, quando num mesmo movimento surgem a indeterminação do sentido e a propensão do texto a significar, tensão que uma atualização, ou seja, uma interpretação, resolverá na leitura” (LEVY, 1996, p. 40).

A literatura, independente do aparato utilizado como suporte, é um sistema resultante da exploração da linguagem poética enquanto sistema correlativo de signos, que vai além de qualquer combinação de informações, pois os signos selecionados necessitam de um “certo sabor literário”. O computador, assim como o livro, pode deflagrar criações com potencialidades criativas se o material que compõe sua memória possui esse atributo. “Em síntese, sobretudo nessa perspectiva hipertextual, um texto deve ser visto como um ponto de passagem, uma significação sempre movente ou movediça (dependendo do uso que fazemos dela e que ela faz de nós) e não como uma ancoragem, quer dizer, uma estabilização do duo significante-significado em torno de um sujeito constituinte ou transcendental” (SANTOS, 2000). Ponto de passagem ou ancoragem? Quem decide é o leitor.

Referências

- AARSETH, Espen. “Nonlinearity and literary theory”. *Hypertext and literary theory* (George P. Landow, ed). Baltimore, Johns Hopkins, 1993.
- BARBOSA, Pedro. *A cibertextura: criação literária e computador*. Lisboa: Edições Cosmos, 1996.
- _____. “A renovação do experimentalismo literário na literatura gerada por computador”. *Ciberkiosk*, n. 2, maio de 1998. <http://alf.ci.uc.pt/ciberkiosk..> Acesso em fevereiro 2002.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- BERNARD, Michel. *Introduction aux études littéraires assistées par ordinateur*. Paris: Presses Universitaire de France, écritures électroniques, 1999.
- _____. “Lire l’hypertexte” In VUILLEMIN A.; LENOBLE, M. (org) *Littérature et informatique* - La littérature générée par ordinateur. Artois, França: Artois Presses Université, 1995.
- BALPE, Jean Pierre; LELU, Alain; SALEH, Imad; NATKIN, Stéphane (org). *H2PTM’99*:

Hypertextes, hypermédias et Internet: réalisations, outils et méthodes. Actes de la 5^e conférence internationale, 22-23 septembre 1999. Paris: Hermes, 1999.

BONGIOVANNI, Pierre. "Transition – les éléments du puzzle". Revista *ECLARTS*: #1-99. França: Chirat. 2 trimestre 1999.

CALVINO, Italo. "La galerie de nos ancêtres". *Magazine Littéraire*, n. 274. Paris, fevereiro, 1990.

CALVINO, Italo. "Prose et anticombinatoire". In Oulipo - atlas de littérature potentielle. Paris: Gallimard, 1981.

COLL, César; COLOMINA, Rosa. In COLL, César; PALÁCIOS, Jesus; MARCHESI (org). *Desenvolvimento psicológico e educação*. Porto Alegre: Artmed, 1996.

ECO, Umberto. *Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. Tradução Maria Beatriz M. N. da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1986.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. Tradução Pérola de Carvalho. 5 ed. São Paulo: Perspectiva. 1993.

_____. "O dilúvio da informação". Revista *VEJA*, vida digital, n° 52, 27 dezembro 2000.

FRANCO, Maria Laura P. Barbosa. *Avaliação de currículos e programas*. Brasília: UnB, 1997.

LANDOW, George P. *Hypertext, the convergence of contemporary critical theory and technology*. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1993.

LEVY, Pierre. *O que é virtual?* Tradução Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.

MANGUEL, Albert. "O destino da leitura na era da WEB". *Veja* especial. São Paulo: Abril, ano 33, n 52, 27 dez 2000, p. 100-106.

PROENÇA, Graça. *História da arte*. São Paulo: Ática, 1999

REIS, Pedro. *A ler? ALIRE 10* - literatura (e) informática. In *Ciberkiask*, n 2, maio 1998.

SANTOS, Alckmar Luiz dos. *Novas e antigas textualidades/ novos e antigos sentidos*. Conferência apresentada no Congresso da Compós, abr. 2000

SNYDER Ilana. *Hypertext: the electronic labyrinth*. New York: New York University Press, 1997.

Notas

¹ O termo *escileitura* é um neologismo formado pela justaposição das palavras 'escrita e leitura'. Apesar de Arnaud Gillot declarar que ele foi criado em português, em 1992, em Lisboa na tese de Pedro Barbosa intitulada *Criação literária e computador*, Julia Kristeva em *Sémiotique*, cuja primeira edição data de 1968, utilizava o termo *écriture-lecture* com a mesma acepção de *éscileitura*

² A estrutura *mise en abyme* confere ao texto uma propriedade labiríntica, uma vez que oferece ao leitor estruturas cujo aspecto semântico remetem a outra estrutura, e expõem o leitor a um processo de busca constante. O leitor encontra-se, então, como nos corredores da Biblioteca de Babel. Esses recursos abismais podem ser utilizados de diversas formas pelo autor para colocar o leitor frente a um quadro de especulação, de vertigem.